

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

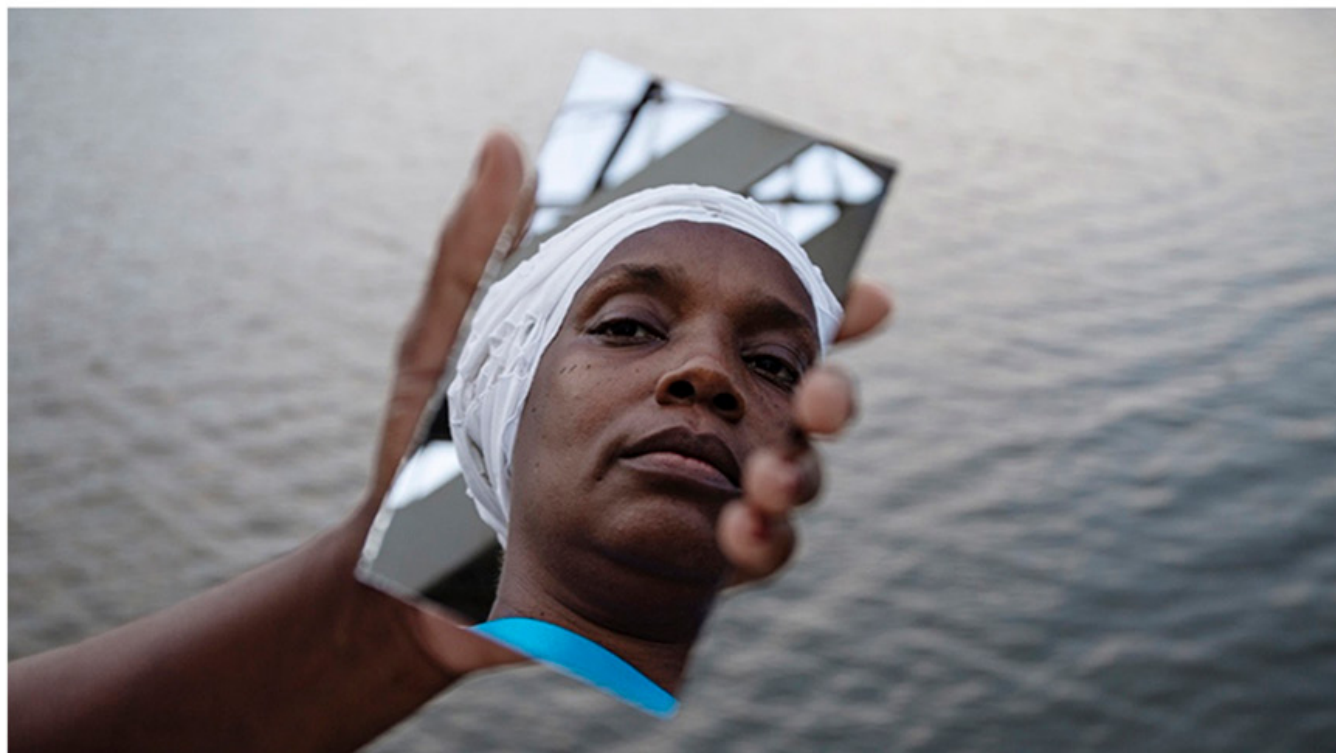


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

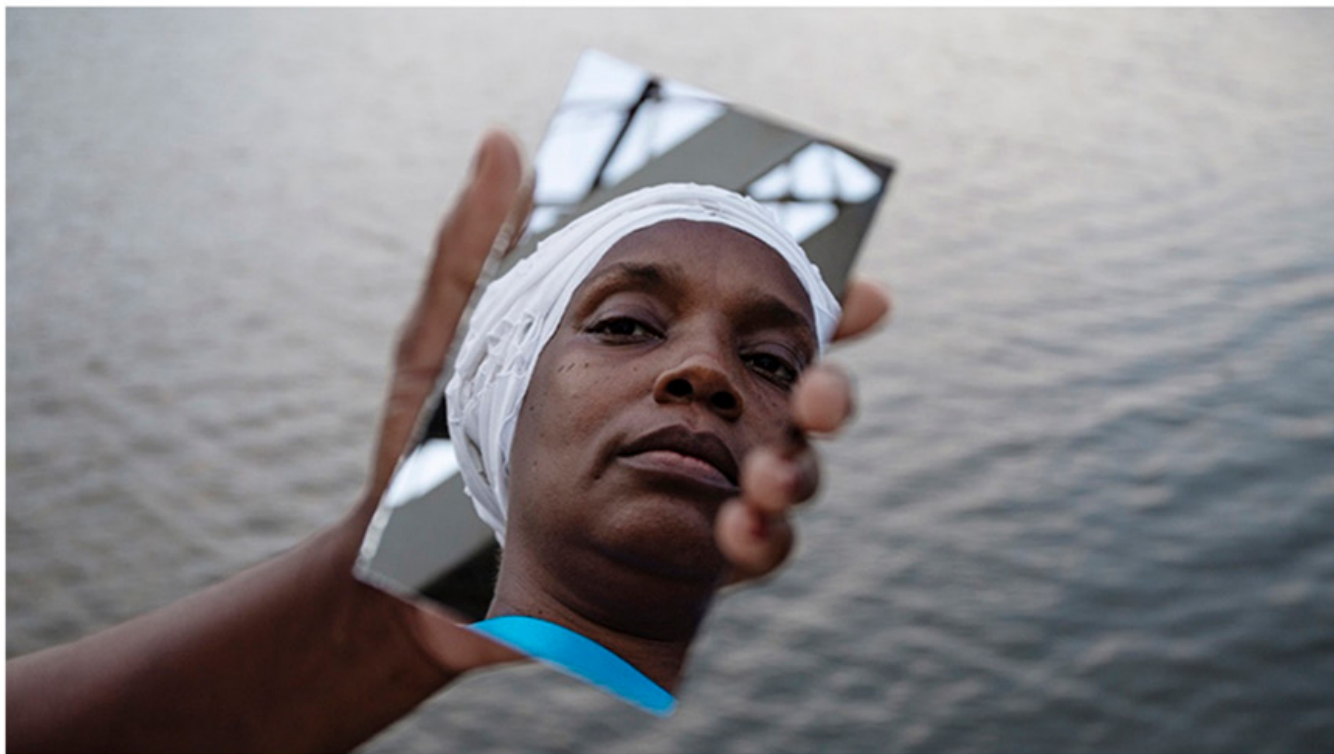


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Lacunas historiográficas sobre mulheres artistas brasileiras

Silvana Boone, Universidade de Caxias do Sul/
<https://orcid.org/0000-0002-4517-0498>
sboone@ucs.br

Resumo

Partindo de um recorte temporal análogo à existência do CBHA, este artigo faz uma análise da escrita da história da arte nos últimos cinquenta anos questionando o lugar ocupado pela produção das mulheres artistas brasileiras nos livros de história da arte usados como referência, principalmente para o ensino da arte e outros contextos de interesse na área. Esse questionamento crítico é um desdobramento de pesquisa realizada nos últimos anos, advindo de publicações como a de Linda Nochlin (1970), "Porque não houve grandes mulheres artistas?" ainda debatido como um equívoco afirmativo/interrogativo cuja resposta vai muito além de uma pseudo-não-existência: as mulheres não foram contempladas porque a história da arte escrita é unilateral e majoritariamente construída pelos homens. O artigo aponta a investigação feita em livros de história da arte publicados exclusivamente em português.

Palavras-chave: Mulheres artistas. Lacunas. História da arte. Historiografia. Ensino da arte.

Abstract

Starting from a time frame analogous to the existence of CBHA, this article analyzes the writing of art history in the last fifty years, questioning the place occupied by the production of Brazilian women artists in art history books used as reference, especially for art teaching and other contexts of interest in the area. This critical questioning is an unfolding of research carried out in recent years, arising from publications such as Linda Nochlin's (1970), "Why haven't there been great women artists?" still debated as an affirmative/interrogative equivocation whose answer goes far beyond a pseudo non-existence: women have not been contemplated because the history of written art is one-sided and mostly constructed by men. The article points to research done in art history books published exclusively in Portuguese.

Keywords: Women artists. Gaps. Art history. Historiography. Art teaching.

A existência do CBHA, ao longo dos últimos cinquenta anos promoveu o debate e a ampliação de muitos temas da história da arte brasileira, incluindo a visibilidade das artistas mulheres, tema esse ao qual esta autora já teve oportunidade de discorrer em edições passadas. Assim também, este artigo busca contribuir, de forma mais pontual com o ensino da arte, analisando de que forma a história da arte produzida por mulheres vem sendo mostrada e acessada através de bibliografias disponibilizadas junto às escolas, nos seus mais diversos âmbitos. A comunicação apresentada neste Colóquio é um desdobramento do Projeto de Pesquisa “Ausência das mulheres na arte: lacunas na história, na crítica e no ensino da arte”, em andamento na Universidade de Caxias do Sul em continuidade à análise sobre as ausências e a invisibilidade da produção feminina na arte sob a ótica das bibliografias especializadas que, até a segunda metade do século XX deixaram de apontar tal presença, bem como as recentes publicações que vagarosamente se manifestam em relação às mulheres artistas. Busca-se pensar no acesso que se têm, especificamente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, de forma a provocar estudantes a observarem o espaço que a arte produzida por mulheres artistas ocupa nos compêndios da arte que lhes são acessíveis¹ e na sequência, pensar os desdobramentos futuros junto ao ensino da arte nas redes públicas e privadas.

Desde a publicação da historiadora americana Linda Nochlin (1971), “Porque não houve grandes mulheres artistas?” – estamos falando de mais de cinquenta anos de questionamentos que poderiam ser ditos, iniciais – percebe-se que as respostas a tal questionamento ainda são vagas e que não cabe debater aqui essa pseudo-não-existência, mas pode-se partir do fato de que as mulheres não foram contempladas porque a história da arte escrita e construída unilateral e majoritariamente pelos historiadores homens. Assim, busca-se apontar a investigação de dados acerca dessa inserção – lenta e longe de ser significativa - em livros de história da arte publicados exclusivamente em língua portuguesa, e direcionados para o ensino da arte nos seus diversos contextos de exploração, buscando evidenciar a lacuna significativa que existe na historiografia acessível e legitimada no Brasil.

Nas últimas décadas percebeu-se o aumento de exposições (e suas respectivas publicações) no Brasil e no exterior, na tentativa de ampliar a visibilidade das mulheres na arte, para além da hegemonia masculina. Apesar desse aumento significativo de exposições, o acesso aos respectivos catálogos impressos - que denotam a ocupação de um lugar de direito no campo da arte - não podem ser contabilizados, já que na sua grande maioria, ficam restritos ao público visitante. Assim, tenta-se mapear as

1 Destaca-se que o artigo evidencia bibliografias em impressas em língua portuguesa, disponíveis em bibliotecas universitárias e escolares e não referencia publicações de outra natureza como catálogos de exposições, artigos científicos, textos de revistas ou similares.

referências bibliográficas e questiona-se de que forma as pesquisas atuais vêm de encontro com a necessidade de tornar visível a produção brasileira feminina.

Na sequência das investigações sobre a ausência das mulheres na história da arte, procurou-se direcionar um eixo da pesquisa para os últimos cinquenta anos da história da arte no Brasil e as referências de artistas brasileiras que encontramos nos livros que são (ou poderiam ser) referência para o ensino da arte, pois que, é na disseminação do conhecimento sobre arte na escola e nas universidades que ampliamos o escopo sobre as artistas e o monitoramento bibliográfico é um recurso para diminuir as lacunas evidenciadas até então.

Partindo da motivação de Nochlin (1971) e suas interlocuções nos últimos cinquenta anos, busca-se apontar caminhos para diminuir as lacunas deixadas pelos historiadores de arte, homens. Considera-se aqui, que o artigo de Nochlin foi o ponto de partida para pensar sobre a invisibilidade das mulheres artistas e não referencia a interrogação sobre não terem existido grandes mulheres artistas nos mesmos períodos dedicados aos artistas homens.

Bibliografia internacional acessível em português

Partindo da premissa que as bibliotecas universitárias são o ponto de partida para os estudos iniciais sobre a história da arte e a implicância desse acesso no ensino da arte, foram investigados os títulos que seguem, acessíveis nas bibliotecas e geralmente replicados nas práticas educacionais junto às escolas. Optou-se pelo ano de publicação como norteador da lista que segue.

Inicialmente, constata-se que o livro “A História da Arte”, de Ernst Gombrich (1909 – 2001), um dos livros mais utilizados pela academia e pelo ensino da arte na maior parte do ocidente, em dezesseis edições desde 1950, com 688 páginas (nas últimas edições) cita uma única artista mulher: Käthe Kollwitz (1867 - 1945). Aparentemente, Gombrich não exalta a referida artista: ela é citada em meio a um contexto expressionista e, numa leitura mais crítica, tampouco importa o gênero, pois o autor não faz destaque a algum mérito ou distinção da artista, mas exalta as características da obra naquele contexto. O título do livro já manifesta uma prepotência no que tange o olhar do autor: ele escreve “A” história da arte, como se fosse possível caber todas as manifestações dessa história num único livro e, numa análise mais crítica, a inexistência de mulheres artistas no livro denota a intencionalidade de exclusão pelo historiador, já que, na possibilidade de reedições em outros quinze momentos subsequentes, não houve sequer a citação de artistas proeminentes até o ano de sua morte, em 2001. Não é possível pensar que então, artistas como Frida Kahlo, Louise Bourgeois ou Georgia O’Keeffe, para citar

apenas algumas das mais incensadas artistas do século XX, passassem despercebidas ao conhecimento do autor e sua equipe editorial até o início do século XXI, apenas para constar esses três grandes nomes marcados em bibliografias internacionais desde os anos 1960. O que pensar de uma autoria que exclui as mulheres em um livro que foi considerado a “bíblia” da história da arte?

Giulio Carlo Argan (1909 – 1992), no livro *Arte Moderna* (1988) publicado no Brasil no ano da sua morte, em 1992, destaca a arte desde o Neoclassicismo até a Pop Art e cita apenas três mulheres artistas: Natalia Goncharova, Louise Nevelson e Bridget Riley², além da fotógrafa Diane Arbus. Tendo sua primeira edição no final dos anos 1980, questiona-se enfaticamente a ausência feminina, principalmente na contextualização dos movimentos de vanguarda do século XX. Cabe destacar que neste livro, além da referência aos períodos e movimentos artísticos, o autor destaca nomes de artistas e obras de referência, não havendo espaço para nenhuma mulher.

O livro *Estilos, Escolas e Movimentos*, de Amy Dempsey (1963), cuja edição no Brasil ocorre em 2003, um ano após a publicação original, destaca 123 artistas mulheres, além de mais uma dezena de arquitetas, coreógrafas, escritoras, bailarinas, mas nenhuma brasileira entre elas. Esse número significativo de mulheres em um livro que se apresenta como um compêndio rápido de informações sobre o contexto da arte desde o século XIX beirando o século XXI, manifesta a atenção dada à produção feminina, considerando que foi publicado por uma historiadora mulher, e esse é um dos pontos nevrálgicos para a visibilidade feminina na arte. Cabe ressaltar aqui que, dada a característica da publicação e o contexto ao qual o livro intenciona o direcionamento, a ausência brasileira é passível de justificativa.

O livro *Mulheres Artistas nos séculos XX e XXI*, editado por Uta Grosenick (1960), em 2003, apresenta 46 artistas mulheres, e entre elas, a única presença brasileira é Lygia Clark. A historiadora alemã é responsável por uma das primeiras publicações que destaca a produção feminina de forma isolada, o que representa um bom início para a discussão sobre a visibilidade das artistas mulheres, porém, deixa de ampliar o escopo da pesquisa para o contexto latino-americano, já que destaca nomes de artistas e não movimentos ou período históricos. Nessa omissão, artistas brasileiras já renomadas no final do século XX não são contempladas na publicação.

No livro *Uma Nova História da Arte*, de Julian Bell (1952), publicado originalmente em 2007, são citadas 33 mulheres artistas, duas brasileiras: Ana Maria Pacheco e Lygia Clark. O texto do historiador inglês apresenta uma história da arte sob uma perspectiva

2 Na página 520 da edição em português do livro, a artista é citada como “inglês Riley”, o que pode ser um equívoco de tradução. Na página 565, uma obra da artista ilustra o contexto da Op-Art, junto a outros artistas homens.

global, fugindo das narrativas convencionais cronológicas, por movimentos ou períodos. As mulheres artistas recebem uma deferência ao longo do livro, e o autor manifesta sensibilidade para tal destaque no que tange as questões temáticas às quais as artistas associam suas produções. Um olhar que aparenta demonstrar uma mudança na forma de apresentar as mulheres artistas em relação aos artistas homens contemporâneos a elas. Clark é citada como referência no contexto latino americano e Pacheco é destacada em relação às origens do Barroco no Brasil, nas aproximações entre Brasil e a Europa.

Na sequência das publicações investigadas, o livro *501 Grandes Artistas*, de Stephen Farthing (1950), livro que se caracteriza pelas informações resumidas sobre os artistas considerados essenciais, vem na esteira dos compêndios de fácil assimilação em outras áreas como o cinema e a música, mas que ganhou espaço junto aos estudantes e professores de arte por apresentar biografias resumidas. Originalmente publicado em 2008 e edição ampliada em 2009 para o Brasil, apresenta 58 artistas mulheres sendo 6 brasileiras Tarsila Do Amaral, Lygia Clark, Anita Malfatti, Beatriz Millhazes, Tomie Ohtake e Adriana Varejão, o que equivale a menos de 12% do total. Porém, destaca-se que as 6 artistas brasileiras foram integradas apenas à edição do Brasil. Considerando o percentual apresentando, percebe-se um avanço editorial em comparação ao início do século XX, e mesmo que haja um interesse comercial na publicação, característico da editoria, inserir artistas brasileira representa um ganho para a visibilidade feminina. Do mesmo autor, e com características semelhantes ao livro anterior, *Tudo Sobre Arte*, publicado em 2010, cita 56 mulheres artistas, incluindo apenas uma artista brasileira, Tarsila do Amaral. O termo “tudo” do título do livro é generalista e informa de maneira superficial conceitos, obras e artistas.

Na esteira desses livros “rápidos”, a partir de nomes, fatos ou palavras-chave verificaram-se os títulos da autora inglesa Susie Hodge (1960): *Uma Breve História Da Arte*, edição original de 2017, que destacano texto 16 artistas mulheres. Em *Uma Breve História Da Arte Moderna*, de 2019, faz menção a 64 artistas mulheres no contexto da arte desde o final do século XIX e século XX. Em ambos os livros, nenhuma brasileira é citada.

O terceiro livro de Hodge, *Breve História Das Artistas Mulheres* recentemente lançado em 2021, busca construir uma nova leitura da história e amplia sua própria pesquisa ao chegar a uma publicação exclusivamente feminina, desde o Renascimento até a arte contemporânea. Apenas 3 artistas brasileiras são citadas: as Lygias Clark e Pape e Mira Schendel, suíça, mas radicada no Brasil. Hodge, assim como Grosenick, privilegia as mulheres e concede espaço único para dar voz às artistas invisibilizadas pelos historiadores homens. Até aqui, percebe-se que a mudança de olhar sobre a história da arte passa pelo lugar de fala dos historiadores, já que, ao longo das duas últimas

décadas, os livros escritos por mulheres apresentam uma quantidade mais significativa de nomes femininos, mas cabe ressaltar que o século XXI, a partir de teorias propostas por filósofos da arte como Arthur Danto e Hans Belting, promovem novos olhares sobre aquilo que nos acostumamos a chamar de História da Arte e ambos propõem o seu fim, da forma como sempre foi construída. Lamentavelmente, os autores não trouxeram as discussões de gênero que envolvem como a História da Arte foi contada.

Bibliografia nacional

Se a bibliografia internacional não privilegia as artistas brasileiras, em livros nacionais sobre a nossa arte, foram investigados os títulos que mais se presentificam junto às bibliotecas e estão nas referências das disciplinas que estudam a arte no Brasil.

Sob a coordenação de Walter Zanini (1925-2013) em colaboração com as pesquisadoras Cacilda Teixeira da Costa e Marília Saboya de Albuquerque, em 1983 é publicado História Geral da Arte No Brasil, Volumes I e II, que apresenta cerca de 170 artistas mulheres e cabe destacar que ele apresenta uma história em movimento com artistas que até aquele momento haviam recebido alguma distinção em exposições ou mesmo no contexto dos ateliers e galerias. É, talvez um ponto de partida para buscar-se uma compreensão do porquê não tivemos uma continuidade na contação da história da arte brasileira – e das mulheres artistas -, pois manifesta uma lacuna para o ensino da arte e principalmente, para a historiografia da arte brasileira.

Kátia Canton (1962), em 2001, lança o livro Novíssima arte brasileira – um guia de tendências, dos 70 artistas apresentados pela autora, 38 são mulheres e 32 homens. Além da busca pela paridade, Canton amplia, talvez pela primeira vez numa publicação brasileira, o número de artistas mulheres em detrimento aos homens.

Agnaldo Farias (1955), na publicação Arte Brasileira Hoje, da série Folha explica, de 2002, apresenta 25 artistas destacados naquele momento que poderiam ser os contemporâneos, mas o termo não é usado pelo autor. Dos 25, apenas 8 são mulheres, não tendo ainda uma paridade entre homens e mulheres, apesar da abordagem do historiador ser coerente com a proposta de um livro rápido que destacasse os artistas mais significativos no final do século XX e início do século XXI. Mas, cabe a ressalva de que muitas outras mulheres poderiam caber neste livro de bolso, dividindo o protagonismo com os artistas que compõem uma nova geração de artistas brasileiros. Passados vinte anos dessa proposta, pode-se perceber que algumas artistas mulheres do início dos anos 2000 já poderiam ter seus nomes neste pequeno guia.

Em *Arte internacional brasileira*, de 2002, Tadeu Chiarelli (1956), para além da citação de Anita Malfatti no contexto inicial do século XX, anuncia 36 artistas na esfera internacional e destaca 19 mulheres entre o grupo. O livro traz uma coletânea de textos publicados em catálogos, revista e jornais no Brasil e no exterior, o que aproxima o contexto literário com o movimento museológico e comercial do sistema da arte brasileira. A reunião desses textos promove uma visão mais ampla das manifestações de arte brasileira e perceber que o movimento da arte tem o protagonismo feminino, no andar do tempo, significa uma nova perspectiva para as décadas que viriam.

A *arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)*, de Rafael Cardoso (1964), publicado em 2008, apresenta, conforme o título, 25 “quadros” e seus respectivos artistas. A proposta do autor é destacar obras significativas da arte brasileira e compor uma visão da história da arte a partir delas, mas, lamentavelmente, apenas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral entram nessa seleção de obras.

Em *ABC arte brasileira contemporânea*, de 2013, sob a organização de Adriano Pedrosa (1965) e Luisa Duarte (1979), são destacados 90 artistas brasileiros ou vinculados ao Brasil e desse, 29 são mulheres. É levado em consideração o destaque dos/das artistas no cenário expositivo, museológico e comercial. Numa porcentagem de 30%, os organizadores desse ABC valorizam jovens artistas e ampliam a visão sobre a arte contemporânea brasileiro numa ótica direcionada para a geração emergente.

Numa esfera mais acessível no âmbito popular, para além dos espaços de ensino da arte, a coleção *Folha Grandes Pintores Brasileiros*, da Folha de São Paulo em parceria com o Itaú Cultural em 2013, apresentou 28 artistas brasileiros dos séculos XIX, XX e XXI. Entre os 28 exemplares, apenas 5 são mulheres: Anita Malfatti, Tomie Ohtake, Adriana Varejão, Tarsila do Amaral e Beatriz Milhazes. Apesar da proposta acessível para o público em geral, artistas mulheres ficam de fora do contexto intitulada “grandes pintores brasileiros”. Mais uma vez, a inserção e ampliação do quadro feminino na história da arte, agora recente, passa longe do ideal igualitário entre homens e mulheres.

Em 2014 é publicado o livro *Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960*, organizado por Fabiana Wernek Barcinski (1972), cujo caráter apresenta visões específicas sobre diferentes momentos da arte no Brasil. Artistas mulheres são destacadas nesses contextos, porém, o lugar de ocupação das artistas mulheres ainda não aparece.

No livro *Arte contemporânea no Brasil – do final do século XX ao início do século XXI*, de 2015, Nereide Schilaro Santa Rosa (1953) e Tatiane Schilaro Santa Rosa, apresentam um panorama sobre artistas em destaque no contexto da arte contemporânea brasileira. Para fins de pesquisa, considerou-se os nomes grifados no conjunto do texto: entre

cerca de 50 artistas, 20 são mulheres, o que também manifesta o olhar de autoras mulheres sobre a produção feminina brasileira.

Concluindo, por ora...

Assim, esta comunicação cumpre o propósito de levantar dados acerca das bibliografias disponíveis no contexto nacional e utilizado no ensino da arte. Não foram investigados catálogos, nem livros publicados a partir de exposições, por serem específicos e não estarem disponíveis no mercado editorial de forma mais abrangente, principalmente numa esfera nacional. Nas referências, todos os títulos estão citados, sendo uma primeira lista para ser ampliada e quem sabe, compartilhada entre os nossos pares, interessados em ampliar o olhar sobre as mulheres na arte brasileira.

Cabe também, atentar que a negligência da presença feminina nas bibliografias de história da arte não é um problema exclusivo do Brasil, já que, já é uma constatação que os comparativos de gênero são díspares no mundo inteiro. Apontada essa problemática é tarefa para os historiadores, ou mais ainda, para as historiadoras, dar conta de minimizar as divergências numéricas e promover a ocupação das lacunas femininas da história como uma emergência contemporânea e uma garantia histórica para o futuro.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARCINSKI, Fabiana Werneck (org.). *Sobre a arte brasileira: da pré-história aos anos 1960*. São Paulo: WMF Martins Fontes/ SESC, 2014.
- BELL, Julian. *Uma nova história da arte*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: MACUSP, Iluminuras, FAPESP, 2001.
- Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros*. São Paulo: Folha de São Paulo e Instituto Itaú Cultural
- CARDOSO, Rafael. *A arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte internacional brasileira*. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002.
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- FARIAS, Agnaldo. *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002.

FARTHING, Stephen. *Tudo sobre arte*.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GROSENICK, Uta (Ed.). *Mulheres Artistas nos séculos XX e XXI*. Köln: Taschen, 2003.

HODGE, Susie. *Uma breve história da arte*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

HODGE, Susie. *Breve história da arte moderna*. São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

HODGE, Susie. *Breve história das artistas mulheres: um guia de bolso para os principais movimentos, obras, inovações e temas*. São Paulo: Olhares, 2021.

NOCHLIN, Linda. *Why have there been no great women artists*. In *Women artists: the Linda Nochlin reader*. London: Thames and Hudson, 2020.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas*. São Paulo: Edições Aurora/Publication Studio SP, s/d.

PEDROSA, Adriano; DUARTE, Luísa (orgs.). *Arte brasileira contemporânea*. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

ROSA, Nereide; Tatiane Schilaro Santa. *Arte contemporânea no Brasil: do final do século XX ao início do século XXI ver e pensar*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2015.

ZANINI, Walter (Org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

Como citar:

BOONE, Silvana. Lacunas historiográficas sobre mulheres artistas brasileiras. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 930-938, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.074>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>